



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Etnografando as mulheres do samba: possibilidades do estudo de trajetórias

Autoria: Julia Ricciardi Lima (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O presente artigo deriva de uma pesquisa etnográfica em curso realizada junto a dois grupos de samba inteiramente formados por mulheres que atuam hoje no Rio de Janeiro: Samba Que Elas Querem e Moça Prosa. Este recorte reflete sobre as possibilidades do uso dos estudos de trajetória como prática de pesquisa na construção de uma etnografia da música. Partindo de um entendimento da música como campo ampliado, onde estão em jogo não apenas a questão sonora, mas também o tema das práticas sociais, a opção pelo enfoque das trajetórias de vida pode auxiliar a elucidar a importância da afirmação de grupos de mulheres no cenário do samba, a importância de uma prática musical perpassada por marcadores como gênero e geração, a compreensão de processos de formação de identidades e as tensões entre a tradição e suas novas práticas (HOBSBAUM, 2007). As trajetórias de vida são entendidas aqui como mais do que apenas um conjunto de técnicas de pesquisa ou um conceito, mas como uma perspectiva colocada frente à construção do conhecimento social, conforme assinala MARINHO (2017). A operacionalização do tema das trajetórias na pesquisa etnográfica em música também será pensada a partir da perspectiva Bourdiana e da ideia de microsociologia ou sociologia do indivíduo conforme descrito por MARTUCCELLI (2007). O artigo pretende explorar as potências e limites implicados na escolha dos sujeitos de pesquisa, na decisão pela metodologia de tomada e análise de depoimentos biográficos (pensados a partir de BOURDIEU, 1986), no posicionamento da pesquisadora em campo e na construção narrativa etnográfica a partir das trajetórias de vida das mulheres musicistas. É possível que o estudo de trajetórias ao passo em que revele entre as próprias musicistas perspectivas em comum, revele também experiências heterogêneas com os fazeres musicais (como trajetórias de aprendizado de música que vão desde o contato formal com a música clássica ainda na infância até o aprendizado empírico na idade adulta), ampliando ainda mais as possibilidades de um campo



da etnografia da música. Neste cenário, as traduções de sentido sobre o fazer musical operadas pela escrita etnográfica de uma pesquisadora não musicista são também experimentadas nas interações no interior do próprio grupo pesquisado. O recorte que a pesquisa de trajetórias de vida realiza na experiência mais vasta dos sujeitos pesquisados também se desvela como uma experiência compartilhada com a pesquisadora que diante de uma gama de experiências de várias ordens, que ultrapassam a científica, opera o recorte em sua própria trajetória de pesquisa na construção da narrativa etnográfica.

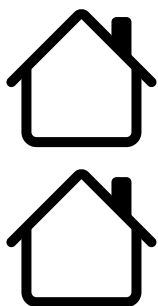
[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: